



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



# A PELE DO TIGRE

## OU O CHIQUINHO EM AFRICA

POR GRACIETE BRANCO

DESENHOS DE A. CASTANÉ

Henrique — Riquinho — como na intimidade o tratavam, não conseguira dormir naquela primeira noite da sua estada em Africa.

Oito anos cheios de ardente curiosidade e irrequieto pensamento, naquela idade de ouro em que se encontra novidade em tudo, porque para tudo se abrem os olhos pela primeira vez, uma tão grande mudança de cenário — da doce e serena paz dum bairro de Lisboa, para as misteriosas, encantadoras e exuberantes terras de Africa, ilustradas, em sua imaginação, com as mais vivas cores e os mais pitorescos ornatos — havia feito bater o coração de Riquinho nas mais desordenadas pulsações.

O pai há muito tempo, que lhe falava das coisas extraordinárias daquela terra prodigiosa, em que havia bananas e macacos e os homens, por mais que se lavassem, não conseguiam ser brancos.

A bordo do belo vapor que, num dia de céu purissimo, os havia levado, das águas transparentes do Tejo, por esse mar além, Riquinho pensara e repensara nas probabilidades dum mau encontro, com um desses senhores farsucos e demais a mais — (impressionante facto!) — porque a cosinheira lhe havia dito uma tarde, enquanto, no quintal, matava o mais gorducho bico da capoeira, que até havia senhores, pretos que comiam pessoas e lhes chamavam um figo!

\* \* \*

Na sua cama pintada a laca branca e coberta por um grande mosquito, Riquinho, impressionado com o ex-

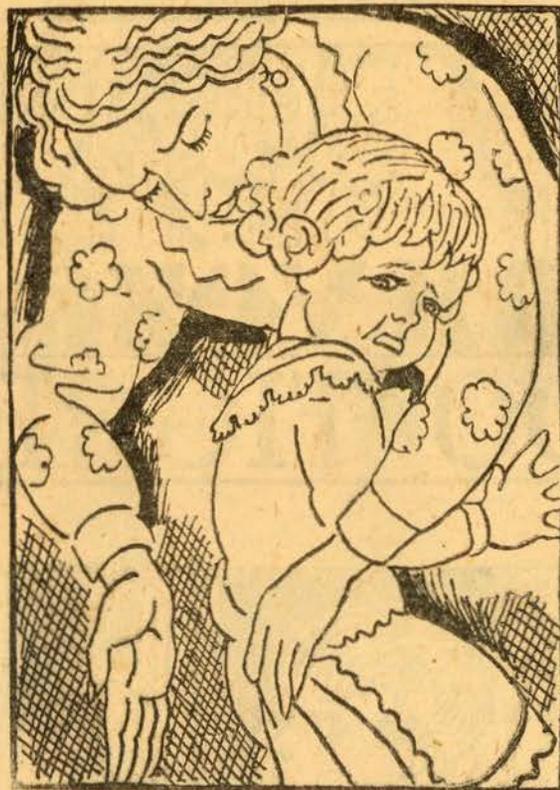
(Continua na pag. 3)



# BÉBÉ ESPERTALHÃO...

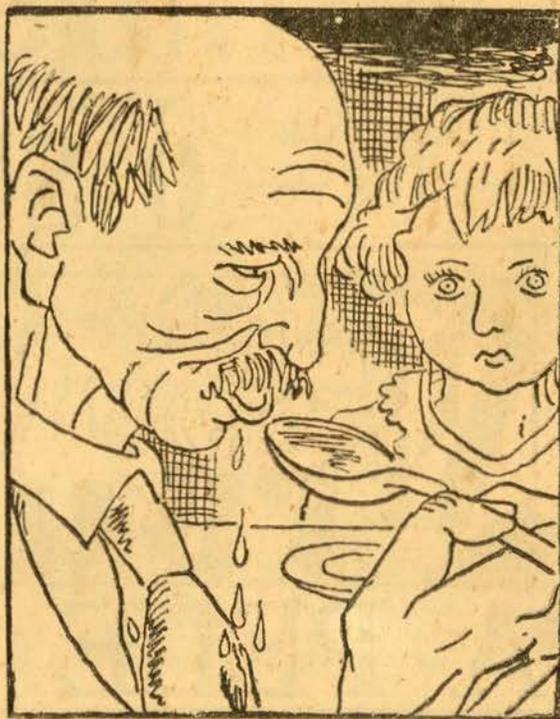
POR GRACIETE BRANCO  
DESENHOS DE A. CASTAÑE

Bébé sujou o vestido,  
o seu vestido comprido,  
que a Mamãzinha bordou!  
...A palmada ainda lhe doi...  
Mas como foi, como foi  
que este Bébé se sujou?!



Pois se tinha o guardanapo...  
(aquele que tem um sapo  
bordado a linha encarnada)  
e se a Mamã adorada  
lhe dava a sopa na boca,  
ali, sentada a seu lado,  
com sua ternura louca!...

O certo é,  
que o vestido do Bébé  
ficou pingado na frente,  
e a sua Mãe, de repente,



zás, trás, pás... deu-lhe um açoite...

Passou-se o dia e á noite,  
Bébé, chamando a Mãezinha,  
diz-lhe, em vòzinha  
sensata:

— «Imitei o Avôzinho,  
coitadinho,  
que, ás vezes, pinga a gravata!  
Quantas vezes, Mamã, dizes,  
que os petizes  
devem, á risca, seguir  
os exemplos e conselhos  
que sempre nos dão os velhos,  
como é muito natural...»

Foi o que eu fiz...  
Sou petiz...  
Já vês que não foi por mal!...»

FIM



(Continuação da pag. 1)

traordinário calor e com as agulhas aguçadas da curiosidade a espicaça-lo todo, não dormira, não conseguira descansar absolutamente nada.

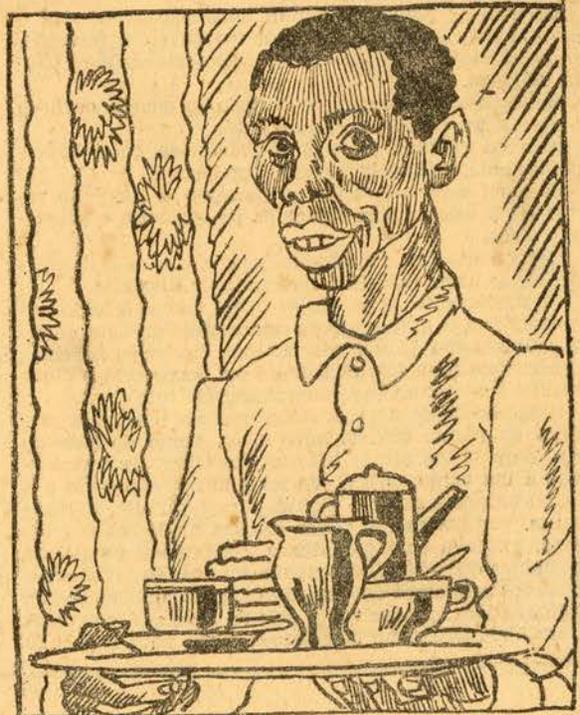
Na véspera chegara a dormir ao colo não sabia de quem, e de Africa apenas conhecia um mosquito de tule muito branco e uma cama de laca igualmente branca.

Envoito em penumbra, nada mais se avistava no quar-

to, porque a janela, uma larga varanda rasgada ao lado da cama, se conservava ainda apenas semi-aberta.

Saltando, rapidamente, do leito, Riquinho resolveu por termo a tanta curiosidade insatisfeita.

Deu uns curtos passos em direcção á varanda e sentiu que os pés andavam sobre alcatifa macia, extremamente macia e setinosa. Estendendo um braço, puxou o fecho da janela e logo o quarto, como palco a quem corressem o pano, se desvendou, completamente, a seus olhos.





Riquinho, entontecido, esfregou os olhotos, duramente e açoitados pela crua e forte claridade, mas, quando os abriu, deu um enorme pulo e foi meter-se entre a roupa da cama, batendo o queixo com medo.

Com a boca escancarada, os dentes aguçados, o olhar brilhante e ameaçador, um enorme tigre, a seus pés, todo estendido no chão, ondulava, de espaço a espaço, prestes a formar o salto e a chamar-lhe um figo.

Debaixo da roupa, Riquinho mais branco do que o linho dos lençois, aterrorizado por tão pavorosa recepção, chorava e resava silenciosamente, sem coragem para chamar ninguém.

Subitamente, quebrando o silêncio do quarto, ouviu-se um doce miau e outro e outro e outro.

A roupa da cama de Riquinho moveu-se, quase imperceptivelmente, e dois olhos azuis espreitaram.

O miau repetia-se mais nitidamente e Riquinho reconhecia já nele o miau alfacinha do soalheiro e preguiçoso Tareco.

Certamente que, na véspera, com a confusão da chegada, ele se havia refugiado no quarto de Riquinho.

Confiadamente, ia a sentar-se na cama, quando, de novo, deu com os olhos na boca escancarada do tigre ameaçador. Mas agora já não mexia; todo estendido no chão, não correspondia a imobilidade do seu corpo com o olhar terrível e aquela boca cavernosa, horrivelmente aberta.

Riquinho ia, de novo, a refugiar-se na trincheira protectora da roupa, quando novo miau, vindo do lado da porta, para lá lhe atraíu o assustado olhar. Tareco, aninhado a um canto, com a sua mais meiga expressão e a mais encantadora atitude, olhava para Riquinho. E então abriu-se, par em par, a janela da sua inteligência e Riquinho, soltando uma gargalhada, compreendeu tudo. Os movimentos que o tigre, de quando em quando fazia, eram provocados pelo corpo de Tareco que, para mais escondido refúgio, se fôra aninhar sôb a pele do tigre que, por sinal, deixara amarrotada, no momento da fuga para o lado da

porta. E Riquinho, embora ainda um pouco nervosamente, ria a bom rir do susto que o inofensivo Tareco lhe pregara.

Mas, nesse instante, alguém bateu á porta. Era um bater suave e medroso que alegrou Riquinho por se sentir, assim, acompanhado.

Uma voz ciciou pela frincha da porta:

—«Minino deixá entrá preto?»

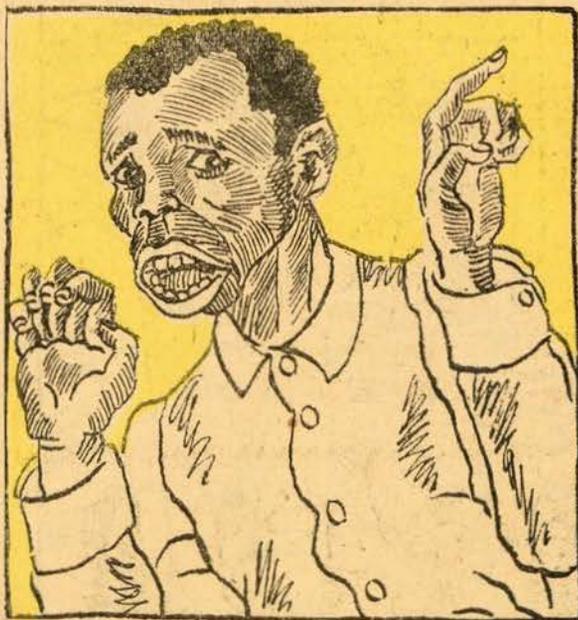
Riquinho empalideceu. As palavras macabras da cosinheira: *(e até há alguns desses senhores farruscos que comem pessoas e lhes chamam um figo)* soavam-lhe aos ouvidos, funebremente, e o seu coração estava mais pequenino do que um baguinho de arroz.

Irja, enfim, vêr-se, frente a frente, com um desses seres terríveis, que deviam ser bem diferentes dos poucos pretos que havia visto em Portugal, já adaptados ao meio civilizado.

—«Não entre ainda; espere...»—foi a única resposta de Riquinho.

Dentro de si, uma mágua pungente chorava e todo êle se revoltava pelo isolamento em que seus pais o deixavam.

Sentia-se entre a espada e a parede. Mas eis que, subitamente, Riquinho teve uma idéa e ainda bem que ela





surgia, porque, pela greta da porta, acabava de divisar uma pele preta e luzidia...

Cautelosamente desceu do leito e, dando graças a Deus pelo belo exemplo dado pelo bichano Tareco, deitou-se no chão, envolvendo-se todo na enorme pele de tigre. Lentamente foi avançando para a porta, dando urros, com todas as suas forças: — Uhhh! Uhhh! Uhhh!...

—«Credo! Minino fazê baulho exquísito!...» — dizia o preto, do lado de lá da porta, á medida que Riquinho ia avançando.

E como o preto roia uma amêndoa que um dos criados brancos lhe havia dado, Riquinho pensava, com o coração a bater desordenadamente: — Deve ser o crâneo dalgum desgraçado que lhe caiu nas garras. — E redobrava de força: — Uhhh! Uhhh! Uhhh!...

Quási imperceptivelmente, a porta começava a abrir-se e, de repente, o preto, como louco, deixa cair das mãos a taça de chocolate, que levava, e desata a correr, á doida, dando pulos e guinços:

—«Dipressa! Dipressa, sió comandante. Minino ser comido por tigre. Tigre está em quar'o di minino. Tigre ser grande e querer comê preto».

Imediatamente o corredor foi invadido pela criadagem branca e preta e pelo quarto de Riquinho irromperam seus pais, chamando por êle, em grande aflição.

Mas a pele jazia já por terra aos pés da cama, enquanto Riquinho, a um canto do quarto, talvez envergonhado de si próprio, fazia festas ao Tareco, sentadinho no chão.

— «O que foi isto, Riquinho?» — perguntou, anciosa, a mãe, apertando-o nos braços.

Mas o Pai, que havia visto a pele amarrotada e calculou partida de Riquinho, disse-lhe rindo francamente:

— «Quizeste pregar um susto ao desgraçado preto, hein?»

Riquinho, apatetado, olhava para as caras dos pretos e sobretudo para Tadeu, que, voltado para êle, o envolvia num olhar embevecido, dizendo, de espaço a espaço:

— «Qui rico minino tão lindo e tão branquinho! Tigre lhe havia di chamá um figo!...»

Mas, enquanto sió comandante beijava, ternamente, Riquinho, êste segredou-lhe ao ouvido:

— «Papá: tenho medo deles e meti medo a êsse para êle fugir».

Então o Pai de Riquinho, compreendendo finalmente tudo, desatou a rir a rir, a rir ás gargalhadas, e riu tanto, tanto e tanto, e fez tanta troça dêle, que Riquinho, envergonhado, resolveu não mais ter medo e percebeu, mais tarde, que aqueles ingênuos e alegres pretinhos, tinham o coração mais branco do que uma linda lua cheia de Agosto.





# A LENDA DA PRIMAVERA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de A. CASTAÑÉ

**E** RA uma vez,  
há, talvez,  
mil anos,  
ou ainda mais,  
numa serra  
conhecida  
por um nome português  
na boca dos luzitanos  
naturais  
daquela terra,  
um casal de pastorinhos,  
que eram dois lindos bebês  
a-pesar-de pobresinhos.

Nenhum deles — (coitadinhos!) —  
tinha pais,  
nem irmãos, nem avózinhos,  
nem amigos, nem padrinhos;  
eram sózinhos  
na Vida!

Mas, um dia, lá na serra,  
misturaram  
seus rebanhos  
de ovelhas, cabritos, anhos,

e seus olhinhos, castanhos,  
um no outro mergulharam;  
sorriu-se, com grande enleio,  
a pastorinha ao pastor...

E o dia, que estava feio,  
fez-se, logo, encantador!...

As ovelhinhas baixaram...

Giestas, cardos, aos molhos,  
abrindo seus lindos olhos  
côr de lume,  
refloriram;  
tudo se encheu de perfume!

E lá no cumê  
da serra, toda em flôr,  
fez-se uma Aurora de Amor!

E é desde então, como lá  
aconteceu na Serra,  
que todos os anos há  
primaveras na Terra!

■ F I M ■

## Correspondência

## ADIVINHA

*Maria dos Anjos Cruz:* — Não te admires de ainda não termos publicado o teu conto, mas não imaginas o original que temos entre mãos. Tem paciência que a tua vez chegará.

*Rodriguinho:* — Ora até que enfim que mandas os desenhos a tinta da China! Já não foi sem tempo.

*Costa do Sol:* — Não, minha amiguinha. Graças a Deus o nosso Director está quasi restabelecido. Agrademos o teu cuidado.

*Maria L. Magalhães:* — A tua novela é demasiado extensa para ser publicada no «Pim Pam Pum». Tem paciência dá-lhe outro destino.

*Oscar Teixeira — Viana do Castelo:* — Gostamos do teu desenho mas manda outro maior.

*Mário Gonçalves:* — Recebemos as tuas charadas mas não pudemos publicá-las sem que mandes as soluções.

*Frederico Almeida Costa:* — O teu desenho será publicado.

*Harold Lisboaeta:* — Achámos os contos que nos enviástes com uma tésse demasiadamente grande para a idade que dizes ter. Aparece pela nossa redacção que apresentar-te-hemos as nossas dúvidas. O nosso director encontra-se melhor.

Saúdaes a todos do

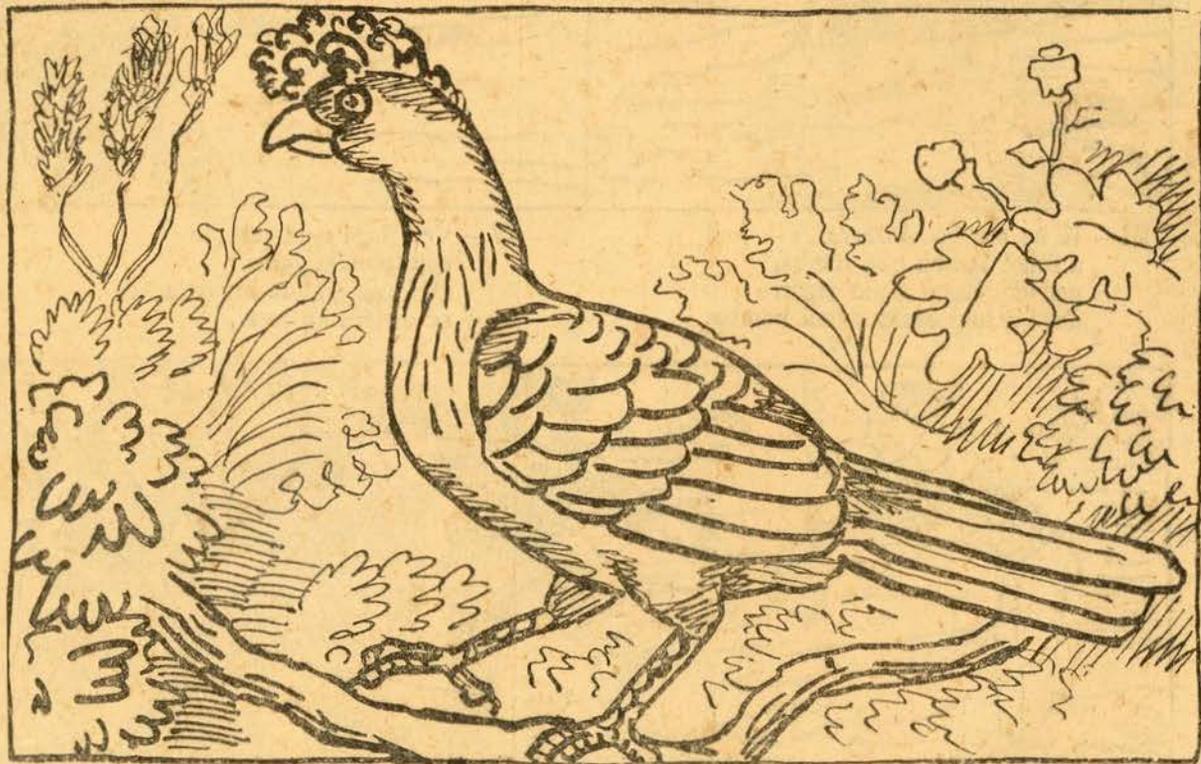
TIO PAULO



Meus meninos:

Vejam se conseguem descobrir, entre a folhagem desta arvore, os dois irmãos Abel e Caim.

## PARA OS MENINOS COLORIREM



O HOCO ELEITOR — (Craze alector)

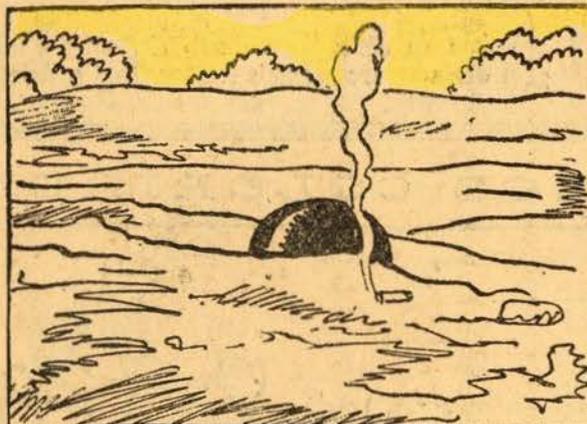
# A NÚVEM POR JUNO



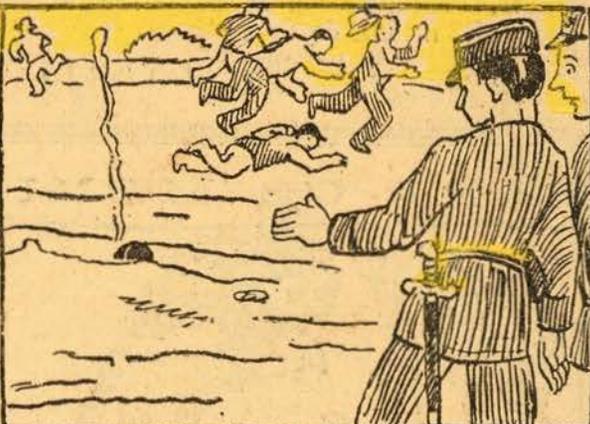
I — O Felisberto, que é já mais ajuizado um pouco, recebeu, do seu Papá, um belo chapéu de côco.



II — Mas um dia, num pinhal, prazenteiro, olhando o Céu, desastrado vendaval levou-lhe o rico chapéu!



III — E, no seu vôo bizarro, a rolar, tomba que tomba, por cair junto a um cigarro dava a impressão duma bomba.



IV — Vem logo a população com polícia genial que, em grande inquietação, se dirigiu ao local.



V — Mas Felisberto, que é vivo, logo veio explicar que não havia motivo para o povo se assustar...

VI — Com distinção e perícia, achando graça à piada, cumprimentou a polícia que ficou embaçacada!